

# Darwin, Freud e Marx: novos deuses?

Edmundo Lima de Arruda Junior

Darwin e Freud, depois Marx, exatamente nessa ordem, são realmente as grandes contribuições entre os maiores mais próximos do tempo, o nosso tempo. Obviamente que a força de Cristo e de Maomé, sem contar a tradição oriental com Buda e outros é muito mais perene na história, mas esses três ainda vão dar muito o que falar porque ainda muito permitem em termos hermenêuticos. Foram cérebros que pensando cada qual dimensões da vida (a evolução da espécie em Darwin nos indicando a mesma origem da vida em todos os seres, os mistérios da alma, como chama Freud o inconsciente, e as leis que regem as condições materiais das sociedades industriais, com Marx).

Quero somente retomar algumas provocações sobre esses três homens exemplares em termos do amor à ciência, uma revolução por si só. Eles nos interpelam a uma reflexão sobre a liberdade, longe das peias e dos antolhos da subsunção da razão à esfera religiosa. Eles nos permitem um pensar moderno, vale dizer, uma maneira de ser mais livre, na qual as dimensões afetivo-sexual, econômica, jurídica, política, religiosa e estética se autonomizam. E ser livre é de alguma maneira tentar ser mais autônomo... Imaginem aquela época do medievo em que até a maneira de fazer amor era condenada pela igreja. Na fornalha os profanos... Até hoje há cristãos que condenam o homossexualismo, a relação anal, o coito oral... Todo moralismo me lembra Palhares, o personagem do Nelson Rodrigues... O moralista é antes de tudo um grande sacana, um filho da puta. Concordo. O moralista tem muitos pré-juízos, muitos pré-conceitos, Então é um homem que escolhe a trilha dos prejuízos e dos preconceitos contra sua espécie. Ele percorre a história com os faróis do seu caminhão do retrocesso voltados para trás do progresso, ao menos do progresso da ciência no que realmente ela progride para a vida. Morin e Castoriadis sempre diziam, “não obstante tudo, a ciência progride”.

Vi a exposição de Darwin em São Paulo em 2007, e gostei tanto que não perco outras oportunidades iguais de saber mais sobre Darwin. O homem viajando mais de cinco anos (perdeu a noiva nessa aventura e chorou muito na proa do navio, solitariamente...), passando na ida e volta pelo Brasil, Salvador e Rio mereceram suas palavras poéticas, etc.

Olhem só essa passagem: “A primeira impressão do Rio [de Janeiro] é sublime e pitoresca. Cores intensas, com o azul prevalecendo nas grandes extensões de plantação de açúcar, e o barulho da brisa nas plantações de café; a floresta de mimosas é um véu natural, mas é mais gloriosa do que nas gravuras; brilhos dos raios de sol; plantas parasitas (...) muitas borboletas grandes e brilhantes.” (1832, na chegada ao Rio de Janeiro) Toda vez que vejo programas do Planet Animal, chimpanzés e orangotangos com as aproximações nossas no que se refere a estrutura do DNA, fisco pasmo, e entendemos porque somos bem próximos dos camundongos do que possamos imaginar ao olhar para eles.... “Eu estou quase convencido de que (completamente contrário à opinião de quando comecei) as espécies não são (e isso é tal como uma confissão de um assassinato) imutáveis.” (11 de janeiro de 1844, em carta ao amigo e botânico John Dalton Hooker, “confessando” antecipadamente sua conclusão de “A Origem das Espécies”)

Darwin, você é o cara. Que não descanse em paz. Olhem os leitores o que ele afirmava: “Meu Deus, como serei feliz quando esta teoria tiver acabado e eu, enfim, puder descansar.” (em carta enviada ao botânico e amigo John Dalton Hooker no dia 23 de janeiro de 1859, em alusão à teoria da evolução).

Freud aparece como o meu segundo preferido porque fixou alguns parâmetros para compreender o inconsciente. Ele existe e se organiza como linguagem, e com linguagem própria. Mesmo os estudos de neurociência reconhecem que não há um conflito entre as novas descobertas da área e as teses do pai da psicanálise e os inegáveis avanços naquela área revolucionária e que permitirá, junto

com outras descobertas da tecnologia aliada à reconstrução do corpo humano, uma vida duas, três vezes mais longa nos próximos dois séculos. Azar o nosso se nascemos no século errado. Voltemos a Sigmund Freud. O inconsciente opera mesmo, contra o consciente, por regra, e malgrado ele. Se abdicamos de compreender os sentidos possíveis dos atos falhos, dos sonhos, dos pesadelos, das taras compulsões “inconfessáveis” estaremos mais orfãos de liberdade, e mais doentes mentalmente.

O mal estar civilizatório é um pouco esse desencanto com o mundo ao qual Weber se referia, no qual aquela magia compreensiva do cosmos tradicional é substituída pela sociedade técnica que caracteriza as modernizações dos séculos XIX e XX, passando pelos capitalismo e pelos socialismos realmente experimentados. Essas “razões históricas”

potencializaram em exponencial toda sorte de sublimações, seus recalques alçados à dimensão histórica e coletiva, traumas recônditos da infância, individuais, somam-se em termos de padronização de condutas burocratizadas, na empresa, no estado, no casamento monogâmico, e até mesmo no mercado da estética, aprisionando-os como razão cativa. E daí meus leitores, advém a sensação de vazio, de desejo incontido, e somente se deseja o que falta. Então explodem as loucuras, as ‘anomias’, as patologias desse tipo de modernidade.

Não há dúvidas sobre a força da formação da sexualidade, como expressão mesmo da evolução e sua historicidade, marca o sentido projeção da mesma por toda a vida do sujeito, enquanto identidade e subjetividade. Quanto maior o impacto da violência, mesmo se sutil e repetida no dia-a-dia da criança, desde o nascimento, e mesmo antes..., mais essa representação simbólica se refugia na profundidade do inconsciente e mais se recusará de lá sair... Comum no processo analítico, superada a fase das mentiras (não ao analista, mas a si próprio), e a fase em que o “problema é sempre o outro”, entrar-se num árduo trabalho no qual o inconsciente somente libera o que não é o mais importante, enganando por anos o paciente, que talvez jamais saiba qual é realmente a sua identidade real. Mas ela poderá ser resgatada, em parte, nos fragmentos de um mosaico que ele, o sujeito (paciente) puder recompor numa verdadeira cruzada em favor da vida e contra o sofrimento. Freud abalou e sempre abalará as estruturas da tradição religiosa, pois choca de frente com todo a priori confortante de verdades insofismáveis. Freud é um tapa na cara dos evangélicos, católicos e muçulmanos fundamentalistas, aquele “tipo-ideal” que acredita em verdades absolutas, aquele chato que talvez nem saiba o que é trepar de verdade e ter prazer, aquele babaca que somente tem tesão em reduzir o outro a um objeto a ser eliminado, e usado, quando não humilhado.

Mas falta Marx, porque esse outro gênio nos gestitrou as leis de bronze do capital, e elas estão mais vivas do que nunca nessa flagrante crise mundial. Os leguleios do status quo vão recalitrar em favor da “vitória do mercado” na história, mas é de se perguntar, que vitória, cara pálida? Essa posição do avestruz não se sustenta mais se queremos realmente entender como se organiza e se planeja nossa estrutura social em termos iníquos, produzindo o analfabetismo, a desnutrição, e as principais formas de exclusão social e morte (guerras, doenças, clivagens étnicas, etc).

Acreditar em Deus fica muito reduzido à questão demasiadamente humana que é o seu atrelamento a um Messias, desta forma o cristianismo, o islamismo, e outros ismos somente podem ser vistos não como metáforas, não enquanto doutrinas, para sentirmos a presença da importante questão da Criação (não criação, segundo Rodhen). Essa lenda do criacionismo dos evangélicos, principalmente, e as estorinhas da carochinha da virgem Maria, de Lázaro, etc são de uma pieguice e uma burrice sem tamanho. Einstein está com Darwin nessa passagem: "A impossibilidade de concebermos o universo tão grande e maravilhoso, como realmente o é, me parece o argumento principal para a existência de Deus." (sobre a existência de Deus, em resposta à carta do topógrafo holandês Nicolaas Dirk Doedes, 2 de abril de 1873. O Deus dos homens e das instituições burocratizadas padece do que é por demais hominal: "louco do homem que acredita homem" diz o ditado bíblico...

Mas falta-nos Marx, não um Marx das leituras escatológicas e messiânico. O Marx da terceira internacional, o Marx stalinista não nos serve. Estamos nos referindo ao Marx homem de ciência, o

homem que construiu uma interpretação da modernização capitalista válida tanto para a análise das sociedades capitalistas bem como para a compreensão do esdrúxulo capitalismo de estado dos “socialismos reais”. Mais de dez anos de estudos, no final de sua vida, pesquisando na biblioteca de Londres, doze horas ou mais de disciplinadas reflexões, até chegar aos três volumes do CAPITAL, obra prima. Marx nos lega uma análise, uma teoria geral do funcionamento das leis da acumulação e da (re) produção social, com uma força heurística enorme e atual. Por exemplo, a crise financeira mundial que sofremos hoje (a expressão é essa, como heteronomia das condições estruturais que nos atingem violentamente em nossos cotidianos), tem na referência do modelo marxista a ferramenta menos incompleta para compreender os desdobramentos da acumulação em sua fase que prescindem do trabalho e se reproduz enquanto capital pelo capital. O trabalho, que em tese produziria valor, base da acumulação cada vez mais é vilipendiado, condenando os trabalhadores à uma situação humilhante e degradante. Direitos sociais extintos, flexibilização das condições de trabalho, exploração do trabalho infantil. Novas formas de trabalho escravo. Desemprego estrutural crescente. Daí para o tráfico de órgãos, prostituição em tempo virtual, são muitos os sinais do mal estar de nossa “civilização”.

Marx não pode tudo explicar, e talvez nele não existam fórmulas para uma nova sociedade que substitua o capitalismo, mas com certeza nele temos as chaves para um entendimento atual de crise cíclica da ordem mundial capitalista. E não se pode mais justificar o não avanço nas promessas da modernidade (modernização de mercado) por efeito do confronto com as formas totalitárias dos socialismos reais. Eles estão quase todos aniquilados, e sucumbiram ao fetiche da mercadoria. Agora não se tem mais uma guerra fria, aquele maniqueísmo capitalismo versus socialismo. Agora o mal se revela praticamente como uma imanência típica da sociedade de mercado organizada nessas formas excludentes de produzir sem uma distribuição satisfatória que permita a maioria dos seres do planeta serem contemporâneos da dignidade humana. Grande parte desses seres sequer tem direitos animais, diria Frei Betto, o que dizer da eficácia dos direitos humanos?

Então é isso, somos carentes de luzes e Darwin, Freud e Marx, os quais combinados, podem nos conduzir a uma análise menos reacionária sobre o nosso século XXI. Claro que devemos evitar a tentação de torná-los novos Deuses, contaminados com o positivismo e a não declarada religiosidade dos ateus, e me refiro aos comunistas clássicos, “revolucionários”, uma esquerda de algo que não existe na realidade, verdadeiros sacerdotes que professam dogmas. E não foi à toa que Marx em seu tempo, quando viu seus seguidores, fanáticos, afirmou: “Se isso é marxismo eu não sou marxista”...

Finalizando, e nos limites deste pequeno texto, eu diria que não se assustem com a emergência dos irracionalismos (fundamentalismos, mercantilização vil dos cristianismos, pentecostalismos execráveis, banalização da violência, desmoralização da política, desperdício da juventude, etc) ao ponto de colocarem todas as suas energias utópicas na religião. Ela é importante mas se a ciência, seus avanços, forem consideradas contribuições dos homens em seu amor pelo próximo, a serviço de seu aperfeiçoamento, não se sua exploração, em quaisquer de suas formas. Nesse sentido, a ciência é uma prova da existência de Deus, pois prova da existência de uma cultura crítica capaz de salvar o homem de todos os seus calabouços. Viva Darwin, Freud e Marx. Viva a liberdade e a revolução da autonomia. Uau!